

GONZALO VECINA

Homem de confiança de Serra trocou a Anvisa por cargo na prefeitura de São Paulo

É NECESSÁRIA A INDEPENDÊNCIA, MAS NÃO TENHO DÚVIDA DE QUE AS AGÊNCIAS DEVEM ESTAR SOB CONTROLE INTERNO E EXTERNO

André Campos e Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

O médico sanitarista Gonzalo Vecina tomou posse ontem na Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo em meio a um tiroteio político. A prefeita Marta Suplicy demitiu o antigo secretário Eduardo Jorge e abriu uma crise no PT. O ex-deputado deixou o cargo metralhando: acusou a colega petista de lotear politicamente a área de saúde.

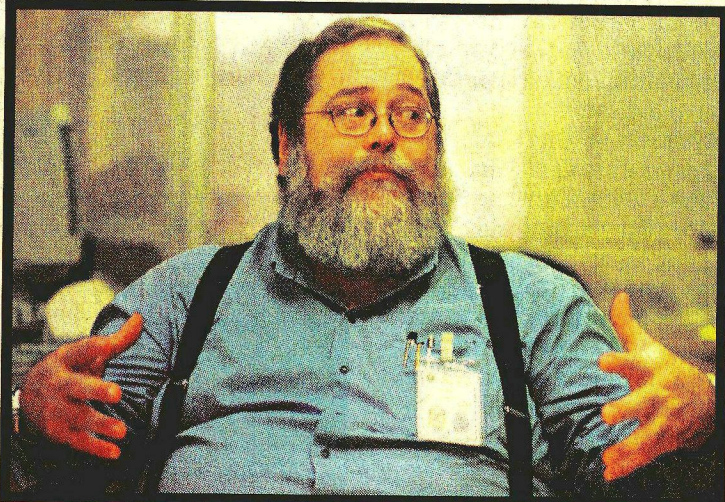
Para assumir a secretaria, Marta decidiu por um nome técnico e sondou Vecina, amigo de Eduardo Jorge e homem de confiança do ex-ministro da Saúde José Serra, que o indicou para presidência da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). O convite — “aceito na hora” — fez os radicais chiarem, mas as reclamações não encontraram eco no Planalto.

Nesta entrevista ao **Correio**, o ex-militante do PCB, mesmo duramente patrulhado — há quem o acuse até de malufismo —,

elogiou Serra, mas também se mostrou afiado com os novos tempos. Com a autoridade de quem ficou quatro anos à frente da Anvisa — sua despedida da presidência foi na última quarta-feira —, ele acredita que as agências reguladoras ainda “não têm uma gestão transparente.” Mais: “Os ministérios de controle não estão exercendo o controle”. Portanto, segundo Vecina, é “legítimo” que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva queira participar da fixação das tarifas dos serviços regulados.

Agências sem transparência

Jefferson Rudy 5.3.03



CORREIO BRAZILIENSE — Há tendências do PT que o acusam de malufista. Qual a sua ligação com o ex-governador Paulo Maluf?

GONZALO VECINA — Fui chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Saúde da gestão Maluf em 1993, quando o secretário era o Raul Cutait (atual diretor do hospital Sírio Libanês). Fomos mandados embora, em marcha unida, por não aceitar clientelismo, corrupção e fisiologismo. Não sou homem de ninguém. Bem dizia Darcy Ribeiro (ex-senador e antropólogo): “Não sou gerente, sou servidor público, pertencem ao povo”.

CORREIO — O senhor pode não ser malufista, mas é notório homem de confiança do ex-ministro José Serra. Qual o balanço que o senhor faz dos quatro anos da parceria com Serra na Saúde?

VECINA — Foi uma experiência singular. Não só o fato de ele ter me convidado para estruturar a Anvisa, mas pela maneira dele gerenciar suas equipes. A melhor imagem do funcionamento do Serra é de um *band leader* de jazz, onde cada um toca a música que quer, desde que seja jazz.

CORREIO — O senhor não teme ser patrulhado por ter “mudado de lado”?

VECINA — Eu trabalho na área da saúde desde 1980, sempre no setor público, com passagens rápidas — bicos — no setor privado. Eu não servi o Maluf apenas, mas o Montoro, o Fleury, o Quéricia, o Covas, o Alckmin.... Já trabalhei também para o Sarney, quando ele era presidente e eu fiquei à frente da Secretaria de

Administração do Inamps (Instituto Nacional da Assistência Médica e Previdência Social) por seis meses.

CORREIO — É sua primeira experiência num governo petista?

VECINA — Não. Trabalhei com o Gastão Wagner (atual secretário-executivo do Ministério da Saúde) quando ele foi secretário de saúde de Campinas. Trabalhei com o Celso Daniel, no primeiro mandato dele, na estruturação do pronto-socorro de Santo André. Eu não acho que no PT tem mais gente que não gosta de mim do que em outros partidos. Sejamos francos: no PFL, no PTB, no PSDB, em todos os partidos há gente que não gosta de mim.

CORREIO — Qual a avaliação que o senhor faz da atual situação das agências reguladoras no Brasil?

VECINA — Eu acho que existem problemas no funcionamento das agências. Elas não têm uma gestão transparente. E os ministérios não estão exercendo o controle. Não se trata de tomar

de assalto as agências. Trata-se de colocá-las dentro do seu devido espaço de competência.

CORREIO — As agências reguladoras são independentes demais?

VECINA — Eu não tenho dúvida de que é necessária a independência das agências. Mas também não tenho dúvidas de que as agências devem estar sob controle interno e externo. Trata-se de um jogo de pesos e contrapesos que a sociedade deve montar.

CORREIO — Que tipo de controles o senhor está sugerindo?

VECINA — Internamente é preciso estar atento em relação à transparência na gestão, com uso de tecnologia de informação. É preciso ainda gente com capacidade de tomar decisão sem estar submetida a um chefia política. E aí é necessário avançar na questão de um quadro fixo de funcionários para as agências. Os fatores externos dependem da ação do Tribunal de Contas, do Ministério Público, do Congresso e dos próprios órgãos de controle do governo.

CORREIO — O presidente Lula tem reclamado da exagerada independência das agências reguladoras. Essa mal-estar entre o Planalto e as agências é procedente?

VECINA — Totalmente. As agências estão entrando no segundo ciclo de diretores. Com troca de direção...

CORREIO — O senhor apóia a recondução de diretores de agências como ocorreu no fim do governo Fernando Henrique?

VECINA — É ruim isso. É ruim para governabilidade...

CORREIO — O senhor concorda ou não com a recondução?

VECINA — Não me coloque numa saia justa dessa. Eu venho de lá (do governo FHC) e estou aqui (no governo do PT). Eu acho fundamental a lealdade. Não acho que houve recondução às pressas. Venceu o mandato, tinha que reconduzir. Eu não sei se houve consulta ao PT em todos os lugares. Mas na área de saúde a relação tem sido civilizada. Na ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), a recondução de duas diretoras foi negociada com o novo governo.

CORREIO — Lula também tem reclamado do mecanismo de reajuste de tarifas usado pelas agências. Chegou a dizer que fica sabendo dos reajustes pelos jornais. O que o senhor acha dessa crítica?

VECINA — Acho legítimo o presidente querer participar da questão das tarifas. A fixação das tarifas tem que ter a participação do governo. E tem regras que eu acho que deviam ser mudadas. O que o homem faz tem a lógica do próprio homem desfazer. Quando? Quando as condições exigem.